



TRADUÇÕES

PRAÇA DA PSICANÁLISE⁷³ DE ALBERTO MORAVIA

TRADUÇÃO DE SÉRGIO GABRIEL MUKNICKA

Sérgio Gabriel Muknicka

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil

sergiomuknicka@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i1.37202>

Recebido em: 31/03/2021

Aceito em: 04/06/2021

Publicado em novembro de 2021

Não quero lhes dizer onde moro, verão daqui a pouco por quê. Posso, porém, indicar-lhes o bairro, aliás, devo; se não, certos detalhes da minha história não se entendem. Então, eu moro no EUR⁷⁴, na parte mais espaçosa e deserta daquele deserto e espaçoso bairro. A minha casa, toda de cimento, de vidro e de metal dá para uma vasta praça de liso, cinza, solitário asfalto. Na região, ruas e praças têm todas nomes bastante sugestivos: Avenida da Literatura, Avenida da Arte, Avenida do Renascimento, Avenida da Escultura, Avenida da Civilização Romana, Praça da Poesia. Imaginemos que eu more na Praça da Psicanálise. Digo: imaginemos; mas é absurdo que exista uma praça com esse nome; o EUR é, de fato, um bairro construído sob o fascismo e sabe-se que o fascismo, reprimido e repressivo, não amava a psicanálise. Todavia gostaria de morar em uma praça que se chamasse assim, mesmo porque sou doutora em psicanálise e atendo todos os dias, em horários fixos, como se pode ler na placa de latão na porta.

À psicanálise eu me apeguei durante o período mais longo da minha vida. Eu estava sentada à mesa, em frente à máquina de escrever; a pistola que eu havia apertado pouco antes, com tanta força que deixou a marca na palma da minha mão,

⁷³ MORAVIA Alberto. Piazza della psicanalisi. In: _____. **Opere complete 13: Il paradiso, Un'altra vita**, Boh. Milano: Bompiani, 1976. p. 498-503.

⁷⁴ EUR, também conhecida como "Europa" (bairro), é o trigésimo segundo bairro de Roma (zonal sul) construído sob o regime fascista para abrigar a *Esposizione Universale Roma*, que aconteceria em 1942, a fim de celebrar os vinte anos da Marcha sobre Roma (1922), mas que nunca houve devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial. Esse complexo urbanístico foi terminado ao final dos anos cinquenta, devido aos Jogos da XVII Olimpíada de 1960.



estava ao lado do cinzeiro cheio de bitucas de cigarro; e esforçava-me para concluir um ensaio no qual trabalhava há quase um ano. O ensaio estava centrado na seguinte ideia: “Sigmund Freud projetou a luz da razão na vida interior. Lá onde havia escuridão, erigiu um palco bem iluminado, sobre o qual interpretam sempre a mesma farsa, sempre os mesmos atores: o Id, o Ego e o Superego. Mas ao redor desse palco claro e visível as trevas são mais espessas do que nunca.” Escrevia com dificuldade mas com obstinação desesperada, batendo nas teclas com apenas dois dedos. De vez em quando me levantava, ia à janela, olhava para a praça e via que o corpo estava lá ainda, estirado de bruços, braços estendidos para a frente, paralelos à cabeça. Fui à janela às duas e meia, às três, às três e meia, às quatro. Claro, passaram carros, ainda que estivesse de madrugada; mas ninguém parou, pensando em um acidente fatal e temendo que lhes fosse atribuído. Às cinco, o corpo ainda estava no meio da praça, e meu ensaio não estava terminado. Então me levantei da mesa e deitei no divã no qual costumam ficar os meus pacientes. Gostaria de ter dormido. Ao invés disso, estou aqui reconstruindo quase mecanicamente a história do meu relacionamento com Giacinto, o homem estirado morto na praça. Por que a reconstruía? Certamente não por nostalgia nem por horror. Porque não a entendia e gostaria de entendê-la.

No começo, houve o risinho. No rosto largo e achatado de Giacinto, de olhos levemente oblíquos, aquele risinho zombeteiro e enjoado, como de náusea perpétua incomodava porque não parecia depender dele: Giacinto, de fato, não estava com nojo de nada e tinha o risinho até quando dormia. Por que o risinho me atraiu? Eis que neste ponto, entra-se no incompreensível: porque indicava, pelo menos para mim, aquele tipo de pessoa que frequentemente recebe o nome de canalha. Poderia ter dito criminoso mas então não poderia ter passado de Giacinto para mim. Giacinto era um canalha; e eu, conscientemente ainda que incompreensivelmente, quisera, fazendo dele meu amante, precisamente, acanalhar-me.

Não importa saber onde e como encontrei Giacinto. Suponhamos que tenha sido em um bar e que ele, depois de um olhar de entrosamento, tenha vindo atrás de mim e tenha entrado no meu carro e tenha se sentado ao meu lado quando liguei o motor. Depois daquela primeira vez, comecei a vê-lo na minha casa, sempre de madrugada. Ele estava com alguns de seus companheiros, ou melhor, cúmplices até



meia-noite e pouco, em um café ou em um restaurante; daí vinha me ver, depois de um telefonema. Esperava-o de pé junto à janela; ele deixava o carro, com significativa precaução, em uma rua não muito distante e vinha a pé, pela praça deserta e pouco iluminada, em direção a minha casa. Assim que o via, ficava pronta para apertar o botão do portão de ingresso. Que sentimento tinha, ao avistá-lo ao fundo da praça, reconhecível pela baixa estatura e pela largura desproporcional dos ombros? Uma perturbação profunda que parava minha respiração; e, ao mesmo tempo, ódio de mim mesma.

Depois, tudo acontecia de maneira rotineira e quase ritualística, apesar da impaciência e da fúria dos sentidos. Giacinto era, na realidade, um canalha muito entediante. Fazia e dizia sempre as mesmas coisas, sentencioso, cheio de bom senso, lógico e pé no chão. Se não tivesse existido aquele risinho que me fascinara, eu poderia acreditar que fazia amor com qualquer pequeno-burguês absolutamente, comum e normal. Mas essa normalidade dele, ao invés de me tranquilizar, assustava-me. Enquanto o observava, deitado na cama, com o torso nu fora das cobertas, fumando e falando, eu pensava que, para ser um canalha daquele tipo, tão tranquilo e tão firme, tão parecido, enfim, ao contrário daquilo, eram necessários séculos e séculos de criminalidade, por assim dizer, positiva, isto é, ligada inextricavelmente aos chamados valores eternos da família. Sim, psicanálise é apelido! Psicanalisar Giacinto, esse campeão vivente de imoralidade arcaica, teria sido como psicanalisar os casais esculpidos sobre os túmulos etruscos ou então as estatuetas calipíguas de Malta. E eu com minha ciência vienense, diante da refratariedade mediterrânea dele, sentia-me impotente como um operário armado com um pequeno cinzel diante de um bloco de concreto.

Jogando conversa fora, como se diz, mas falando preferencialmente de lojas (ele realmente tinha duas: uma de acessórios para automóveis, administrada por um irmão seu e outra de malhas, onde ficava a esposa), fumando exatamente três cigarros, bebendo às vezes água com limão e açúcar, Giacinto ficava comigo por algumas horas, então me deixava para visitar a “outra” mulher. Sim, porque protegia, como se diz, uma prostituta chamada Valéria, que “trabalhava” para ele todas as noites em um beco nos subúrbios. Valéria era a única a lhe repassar os ganhos suados ou então havia outras? Não sei; de qualquer maneira tinha me contado



apenas sobre Valéria, talvez justamente porque ela tentasse ser para ele algo mais do que um objeto, até se rebelava contra ele, dando-lhe, nas palavras dele, contínuos “desgostos”, de modo que, hora ou outra concluía pesaroso, teria sido forçado a dar-lhe uma “lição”. Eu o ouvia, estupefata ao ouvi-lo, tentando entender por que continuava a vê-lo e sempre esbarrando contra a mesma obscura, obtusa incompreensão. Depois ele apagava o terceiro cigarro, vestia-se e ia buscar Valéria. Metia-me de novo à janela e olhava-o atônita, enquanto ele atravessava com passo rápido a vasta praça deserta. Em seguida, sem pensar em nada, de corpo saciado e de mente vazia, ia dormir.

Um dia desses, entro no carro e corro para a avenida suburbana, onde sei que Valéria bate ponto todas as noites. Chegando à avenida, começo a dirigir devagar, olhando as mulheres de pé, cada uma diante da sua fogueirinha, contra o fundo dos enormes troncos dos plátanos. Reconheci imediatamente Valéria: uma loira pequena, com cabelos altos na testa, olhos azuis, rosto quadrado, peito muito desenvolvido e quadris muito estreitos. Parei, acenei para ela e ela respondeu com um gesto de negação: ela achava que eu fosse uma homossexual. Insisti pronunciando o nome dela; então ela se moveu, majestosa, apesar de sua baixa estatura, por causa daquela crista de cabelo e também não sei de que garbo no comportamento. Pôs a cabeça à janela e me perguntou como eu sabia o seu nome. Eu não sabia o que dizer, tinha ido àquela avenida movida também por um impulso, como tudo o que dizia respeito a Giacinto, sombrio e incompreensível; gaguejei que era socióloga e estava investigando a prostituição e se ela não viria à minha casa? Eu lhe pagaria, ela não perderia seu tempo. Ela me olhou por um longo tempo com aqueles seus olhos encovados e penetrantes; e depois disse que aceitava; combinamos o valor e o dia; daí fui embora.

O encontro era sábado, suposto dia de seu contratempo mensal, durante o qual ela não trabalharia. Sexta-feira, abro o jornal e, na seção de Roma, leio um título que me intriga; abaixo os olhos, vejo o retrato de Valéria. Então leio a notícia. Tinha sido encontrada no porta-malas de um carro, morta, amarrada de modo que se estrangulava muito lentamente. Dedico-me aos detalhes, mas de Giacinto nem sombra. Porém, supunha-se que Valéria quisera se rebelar e foi morta daquele modo cruel como aviso para qualquer outra que quisesse seguir o seu exemplo.



Aquilo que fiz depois daquela manhã talvez seja a coisa menos compreensível dessa história incompreensível. Continuei a ver Giacinto e, enquanto isso, fiz com que ele explicasse o funcionamento de sua pistola, que ele sempre carregava no bolso interno da jaqueta. Eu lhe disse que tinha medo à noite, naquelas ruas tão amplas e tão desertas, e que queria pedir o porte de armas. Ele sem hesitar aprovou: era verdade, circulavam grupos de marginais que atacavam mulheres sozinhas; fazia bem em me armar, ele até fazia questão de me presentear com uma pistola, não a que ele tinha que era grande demais para mim, uma menor, de senhora. Assim, dali a uns dias, trouxe-me a arma, explicou-me o mecanismo e pôs ele mesmo uma bala para dentro do cano. Alguém, talvez, gostará de saber se Giacinto comentou de alguma maneira o fim horrendo de Valéria. Sim, comentou. Disse, sentencioso, como sempre: “Era uma garota estranha. Tinha que acabar assim.”

Uma daquelas noites ele me telefona que está vindo; então fico atrás da janela, empunhando, com violência espasmódica, a pistola. Lá aparece ele no fundo da praça e vem, pequeno e largo de ombros, em direção a minha casa. De repente, de um retângulo de sombra preta projetada sobre o asfalto por um prédio todo preto e apagado, sai de súbito, com velocidade fulmínea, um carro escuro, corre ao encontro de Giacinto, atropela-o pelas costas. Vejo Giacinto dar um salto no ar com os braços estendidos para frente, como um mergulhador que se joga na água de uma margem; então o carro passa por cima dele, distancia-se e o corpo de Giacinto está estirado de bruços, imóvel, com os braços esticados paralelos à cabeça. Enquanto isso o carro chegou ao fundo da praça. Ora eis que ele retorna, ainda com a mesma velocidade desenfreada, passa de novo sobre o corpo de Giacinto, então dobra a esquina e desaparece. Tudo isso dura um segundo mas imprime-me para sempre na minha memória, pela sua intensidade alucinatória como uma cena de cinema vista também por um único segundo intenso devido ao método estroboscópico.

Pronto. Neste ponto da reevocação, olhei o relógio e vi que eram oito e meia. Levantei do divã, fui até à janela, levantei, lentamente, a persiana. Um sol suntuoso ofuscou-me a vista dardejando os seus raios de um emaranhado de nuvens escuras e rasgadas. Baixei os olhos em direção à praça; havia um discreto vai-e-vem de funcionários que iam aos escritórios; o corpo não estava mais lá. Pensei ter visto uma viatura de polícia, lá longe, exatamente no lugar de onde tinha ido embora o



carro assassino. Involuntariamente, pensei então que, entre as tantas desvantagens da cidade, havia, no entanto, a vantagem dos serviços: qualquer objeto que atrapalhasse o tráfego ou, enfim, perturbasse a ordem, era prontamente removido. Então fechei as janelas e fui dormir.



PIAZZA DELLA PSICANALISI⁷⁵

ALBERTO MORAVIA

Non voglio dirvi dove abito, vedrete trappoco perché. Posso, però, indicarvi il quartiere, anzi debbo, se no certi particolari della mia storia non si capiscono. Dunque, abito all'EUR nella parte più spaziosa e deserta di quel deserto e spazioso quartiere. La mia casa, tutta di cemento, di vetro e di metallo guarda ad una vasta piazza di liscio, grigio, solitario asfalto. Nella zona, strade e piazze hanno tutte nomi assai suggestivi: Viale della Letteratura, Viale dell'Arte, Viale dell'Umanesimo, Viale della Scultura, Viale della Civiltà Romana, Piazza della Poesia. Mettiamo che io abiti in Piazza della Psicanalisi. Dico: mettiamo; ma è escluso che esista una piazza con questo nome; l'EUR è, infatti, un quartiere costruito sotto il fascismo e si sa che il fascismo represso e repressivo, non amava la psicanalisi. Tuttavia mi farebbe piacere abitare in una piazza che si chiamasse così, se non altro perché sono dottoressa in psicanalisi e ricevo ogni giorno a ore fisse, come si può leggere sulla targa di ottone della porta.

Alla psicanalisi mi sono aggrappata durante la veglia più lunga della mia vita. Stavo seduta alla scrivania, davanti alla macchina per scrivere; la pistola che avevo stretto poco prima con tanta forza da lasciarmi l'impronta nella palma, era posata accanto al portacenere pieno di cicche; e mi sforzavo di portare a conclusione un saggio al quale lavoravo da quasi un anno, Il saggio era centrato intorno l'idea seguente: "Sigmund Freud ha proiettato la luce della ragione nella vita interiore. Là dove era il buio, ha eretto un palcoscenico bene illuminato sul quale ecitano sempre la stessa commedia, sempre gli stessi attori: l'Es, l'Ego e il Superego. Ma intorno questo palcoscenico chiaro e visibile le tenebre sono più fitte che mai." Scrivevo a fatica ma con ostinazione disperata, battendo sui tasti con due sole dita. Ogni tanto mi alzavo, andavo alla finestra, guardavo giù nella piazza e vedevo che il corpo era tuttora lì, disteso bocconi, le braccia protese in avanti, oltre il capo. Sono andata alla finestra alle due e mezzo, alle tre, alle tre e mezzo, alle quattro. Certo, saranno passate delle automobili, anche se era notte; ma nessuno si è fermato, pensando ad

⁷⁵ MORAVIA Alberto. Piazza della psicanalisi. In: _____. **Opere complete 13: Il paradiso, Un'altra vita**, Boh. Milano: Bompiani, 1976. p. 498-503.



un accidente mortale e temendo che gli fosse attribuito. Alle cinque, il corpo era ancora nel mezzo della piazza, e il mio saggio non era finito. Allora mi sono alzata dalla scrivania e mi sono distesa sul lettuccio sul quale di solito si mettono i miei pazienti. Avrei voluto dormire. Invece, eccomi ricostruire quasi meccanicamente la storia del mio rapporto con Giacinto, l'uomo disteso morto giù nella piazza. Perché la ricostruivo? Certo non per nostalgia e neppure per orrore. Perché non la capivo e avrei voluto arrivare a capirla.

In principio c'era stato il ghigno. Nella faccia di Giacinto larga e piatta, dagli occhi leggermente obliqui, quel ghigno beffardo e disgustato, come di perpetua nausea colpiva perché non pareva dipendere da lui: Giacinto, infatti, non era disgustato da nulla e il ghigno ce l'aveva anche quando dormiva. Perché il ghigno mi ha attirato? Ecco a questo punto, si entra nell'incomprensibile: perché stava a indicare, almeno per me, quel genere di persona che comunemente va sotto il nome di canaglia. Avrei potuto dire criminale ma allora non avrei potuto passare da Giacinto a me. Giacinto era una canaglia; e io, consapevolmente anche se incomprensibilmente, avevo voluto, facendone il mio amante, appunto, incanagliarmi.

Non importa dire dove e come ho incontrato Giacinto. Mettiamo che sia stato in un bar e che lui, dopo uno sguardo d'intesa, mi sia venuto dietro e sia salito nella mia macchina e si sia seduto accanto a me nel momento in cui accendevo il motore. Dopo quella prima volta, l'ho preso a vedere in casa mia, sempre a notte alta. Lui stava con certi suoi compagni o meglio complici fino a mezzanotte e oltre in un caffè o in un ristorante; quindi veniva a trovarmi, previa telefonata. L'aspettavo in piedi presso la finestra; lui lasciava la macchina, con significativa precauzione, in una strada non lontana e veniva a piedi, attraverso la piazza deserta e poco illuminata, dirigendosi verso la mia casa. Appena lo vedevo, mi tenevo pronta a premere il bottone della porta d'ingresso. Che sentimento provavo, quando lo scorgevo in fondo alla piazza, riconoscibile dalla piccola statura e dalla larghezza sproporzionata delle spalle? Un turbamento fondo che mi fermava il respiro; e, insieme, odio di me stessa.

Poi, tutto si svolgeva in maniera abitudinaria e quasi rituale, pur nell'impazienza e nella furia dei sensi. Giacinto era, in realtà, una canaglia molto



noiosa. Faceva e diceva sempre le stesse cose, sentenzioso, pieno di buon senso, logico e terra terra. Se non ci fosse stato quel ghigno che mi aveva affascinato, avrei potuto credere di fare l'amore con un qualsiasi piccolo borghese in tutto e per tutto, comune e normale. Ma questa sua normalità, invece di rassicurarmi, mi spaventava. Mentre lo guardavo che, disteso sul letto, col busto nudo fuori delle coperte, fumava e parlava, pensavo che per fare una canaglia di quel genere, così tranquilla e così solida, così simile, insomma, al suo contrario, ci volevano secoli e secoli di criminalità, diciamo così, positiva, cioè legata indissolubilmente ai cosiddetti valori eterni della famiglia. Sì, altro che psicanalisi! Psicanalizzare Giacinto, questo campione vivente di immoralità arcaica, sarebbe stato come psicanalizzare le coppie di sposi scolpite sulle tombe etrusche oppure le statuette callipigie di Malta. E io con la mia scienza viennese, di fronte alla sua refrattarietà mediterranea, mi sentivo impotente come un operaio armato di un piccolo scalpello di fronte ad un blocco di calcestruzzo.

Parlando, come si dice, del più e del meno ma preferibilmente di negozi (ne aveva due davvero: uno di accessori d'automobile, gestito da un suo fratello e uno di maglieria, ci stava la moglie), fumando esattamente tre sigarette, bevendo qualche volta acqua limone e zucchero, Giacinto restava con me un paio d'ore, quindi mi lasciava per recarsi dall'"altra donna". Già, perché proteggeva, come si dice, una prostituta di nome Valeria che "lavorava" per lui tutte le notti in un viale della periferia. Valeria era la sola a passargli i sudati guadagni oppure ne aveva delle altre? Non saprei; ad ogni modo mi aveva parlato soltanto di Valeria, forse proprio perché essa cercava di essere con lui qualche cosa di più di un oggetto, anzi gli si ribellava, dandogli, secondo la sua stessa espressione, dei continui "dispiaceri", così che, una volta o l'altra, concludeva pensoso, sarebbe stato costretto a darle una "lezione". Lo ascoltavo, stupefatto di ascoltarlo, cercando di capire perché continuavo a vederlo e sempre urtandomi contro la stessa oscura, ottusa incomprendimento. Poi lui schiacciava la terza sigaretta, si vestiva e se ne andava a rilevarla Valeria. Mi mettevo di nuovo alla finestra e lo guardavo attonito, mentre attraversava con passo spedito la vasta piazza deserta. Quindi, senza pensar nulla, sazia del corpo e vuota nella mente, me ne andavo a dormire.



Uno di quei giorni salgo in macchina e corro difilata al viale della periferia, dove so che Valeria sta di fazione ogni notte. Giunta nel viale, prendo a guidare piano, guardando alle donne ritte in piedi, ciascuna davanti al suo fuocherello, sullo sfondo dei tronchi enormi dei platani. Ho riconosciuto subito Valeria: una bionda piccola, con una capigliatura alta sulla fronte, gli occhi azzurri, la faccia quadrata, il petto molto sviluppato e i fianchi molto stretti. Mi sono fermata, le ho fatto un cenno con la mano e lei mi ha risposto con un gesto di diniego: credeva che fossi un'omosessuale. Ho insistito pronunciando il suo nome; allora si è mossa, maestosa nonostante la piccola statura, per via di quella cresta di capelli e anche di non so che fierezza nel portamento. Ha messo la testa al finestrino, mi ha chiesto come mai sapevo il suo nome. Non sapevo che dire, ero venuta in quel viale spinta da un impulso anch'esso, come tutto ciò che riguardava Giacinto, oscuro e incomprensibile; ho farfugliato che ero una sociologa e facevo una inchiesta sulla prostituzione e perché non sarebbe venuta a casa mia? L'avrei pagata, non avrebbe perduto il suo tempo. Mi ha fissato a lungo con quei suoi occhi incavati e penetranti; poi ha detto che accettava; abbiamo fissato il ne sono compenso e il giorno; quindi me andata.

L'appuntamento era sabato, presunto giorno del suo disturbo mensile, durante il quale non avrebbe lavorato. Venerdì, apro il giornale e nella cronaca di Roma leggo un titolo che mi incuriosisce; abbasso gli occhi, vedo il ritratto di Valeria. Allora leggo la notizia. Era stata trovata nel portabagagli di una macchina, morta, legata in modo che si era lentissimamente strangolata da sé. Mi getto sui particolari, ma di Giacinto neppure l'ombra. Però, si supponeva che Valeria avesse voluto ribellarsi e fosse stata uccisa in quel modo crudele come ammonimento a qualsiasi altra che avesse voluto seguire il suo esempio.

Quello che ho fatto dopo quella mattina è forse la cosa meno comprensibile di questa storia incomprensibile. Ho continuato a vedere Giacinto e, intanto, mi sono fatta spiegare da lui il funzionamento della sua pistola che portava sempre in una tasca interna della giacca. Gli ho detto che avevo paura di notte, in quelle strade così larghe e così deserte, e che volevo chiedere il porto d'armi. Lui mi ha senz'altro approvato: era vero, giravano gruppi di teppisti che aggredivano le donne sole; facevo bene ad armarmi, anzi lui ci teneva a regalarmela, la pistola, non quella che



aveva che era troppo grossa per me, una più piccola, da signora. Così, di lì a qualche giorno, mi ha portato la pistola, mi ha spiegato il meccanismo e ha provveduto lui stesso a fare scivolare una palla nella canna. Qualcuno, forse, vorrà sapere se Giacinto ha commentato in qualche modo la fine orrenda di Valeria. Sì, l'ha commentata. Ha detto, sentenzioso, come il solito: "Era una ragazza strana. Doveva finire così."

Una di quelle notti lui mi telefona che sta venendo; allora mi metto dietro la finestra, stringendo in pugno, con violenza spasmodica, la pistola. Eccolo che appare in fondo alla piazza e si avvia, piccolo e largo di spalle, verso la mia casa. Tutto ad un tratto, da un rettangolo di ombra nera proiettata sull'asfalto da un palazzo tutto nero e spento, ecco, esce d'improvviso, con velocità fulminea, una macchina scura, corre addosso a Giacinto, lo investe alle spalle. Vedo Giacinto fare un balzo per aria con le braccia protese in avanti, come un tuffatore che si getti nell'acqua da una sponda; poi la macchina gli passa sopra, si allontana e il corpo di Giacinto sta disteso bocconi, immobile, con le braccia allungate oltre la testa. Intanto la macchina è arrivata in fondo alla piazza. Ora eccola che ritorna, pur sempre con la stessa velocità scatenata, passa di nuovo sul corpo di Giacinto, quindi scantona e scompare. Tutto questo dura un attimo ma si imprime per sempre nella mia memoria, per la sua intensità allucinata come di scena di cinema veduta anch'essa per un solo attimo intenso mediante il metodo stroboscopico.

Ecco fatto. A questo punto della rievocazione, ho guardato l'orologio e ho visto che erano le otto e mezzo. Mi sono alzata dal letto, sono andata alla finestra, ho tirato su, lentamente, l'avvolgibile. Un sole sfarzoso mi ha abbagliato dardeggiando i suoi raggi da un viluppo di nuvole scure e stracciate. Ho abbassato gli occhi verso piazza; c'era un discreto via vai di impiegati che si recavano agli uffici; il corpo non c'era più. Mi è sembrato di vedere un furgone dei carabinieri, laggiù, proprio nel luogo da dove era partita la macchina omicida. Involontariamente, ho pensato allora che, tra i tanti svantaggi della città, c'era, purtroppo, il vantaggio dei servizi: qualsiasi oggetto che ingombrasse il traffico o, comunque, turbasse l'ordine, veniva prontamente rimosso. Poi ho chiuso le finestre e sono andata a dormire.



Biografia do autor

Alberto Moravia, nome de pluma de Alberto Pincherle, nasceu dia 28 de novembro, em Roma, no ano de 1907. Escritor incansável e atuante crítico cultural, Moravia escreve durante praticamente todo o século vinte, de 1927 a 1990. O escritor romano não se furta a adentrar debates e a fomentar provocações seja por meio de sua literatura – sempre questionadora – seja na produção constante de crítica e resenhas nos meios de comunicação italianos, pois ele foi um polígrafo. Além dos fracos poemas ao gosto simbolista, de sua juventude, Moravia dedicou-se com paixão ao conto e ao romance, com reverência ao teatro e com verdadeira adoração à crítica literária e audiovisual.

Resumo da obra

Moravia publica *Boh*, cujos trinta contos foram primeiramente publicados no *Corriere della sera*, em 1976. A esse volume, precederam *Un'altra vita*, de 1973, e *Il paradiso*, de 1970. Nessas coletâneas, há única e exclusivamente narradoras protagonistas que trazem à tona os sofrimentos de suas existências por meio de narrações bastante ferinas. Esses volumes, com os romances *Io e lui*, de 1970, e *La voce interiore*, de 1978, compõem a produção moraviana da década de 1970. A voz narrativa em primeira pessoa subordina a narração à visão da narradora, que pensa sobre si mesma e pondera acerca das incongruências da existência. *Boh* configura-se como o grito convocatório das narradoras que não aguentam mais se ver imersas no lodaçal modorrento dos costumes pequeno-burgueses.

Projeto de tradução

O projeto tradutório adotado foi o de proporcionar ao leitor um universo linguístico o mais próximo possível do que seria ler um conto moraviano na língua de Dante. Ainda que a prosa do autor romano seja fluida e, nem sempre corretamente, associada a um “realismo” e, até mesmo, ao neorrealismo.



Salientamos que esta é uma denominação não empregada por Moravia em si ao se referir à obra ficcional de sua lavra.

Antes de mais nada, coloca-se, ao traduzir Moravia, a questão da simplicidade estrutural. Frases paratáticas, elipses, zeugmas fazem com que as pausas descritivas não se tornem expediente cansativo (pois o autor delas faz uso amiúde) nem caiam na previsibilidade.

A maioria das personagens põe em evidência seu drama existencial, lucubrando de modo bastante complexo. Nas palavras do crítico Cesare Segre (2004, p. 28, tradução nossa)⁷⁶: “[Moravia] continuou usando a sua linguagem média, porém com uma mão cada vez mais segura.” A linguagem média a que o teórico se refere não é uma linguagem descuidada, mas o italiano *dell'uso medio*, aprendido na escola e difundido pelos meios de comunicação. Além disso, Moravia popularizou-se pelo uso desse tipo de registro. Riccardo Tesi (2007, p. 218-219) assevera que isso contribuiu em grande medida para que a prosa moraviana se parecesse com “montagens de quadros”.

A respeito da simplicidade da linguagem, o crítico (SEGRE, 2004, p. 28, tradução nossa) reitera que “[...] Moravia usa uma linguagem cotidiana com muitos diálogos, dedica uma atenção total a ambientes e objetos [...]”⁷⁷. Entretanto, quando as narrativas são perscrutadas, é possível perceber que se trata somente de um artifício formal do autor. Como afirma Cudini (2013, p. 13, tradução nossa) ao discorrer sobre a simplicidade estrutural nos contos do autor:

Tudo é extremamente natural: até a escrita que se articula numa extrema simplicidade de estruturas sintáticas [...] É, obviamente, uma simplicidade construídíssima. Veja-se a cantilena insistente das repetições e retomadas [...] vejam as contínuas simetrias internas, nas quais os verbos vão sempre em dupla e geram paralelismos [...].⁷⁸

Principalmente no início e no fim das narrativas, a linguagem é estruturada de maneira simples e direta, através de períodos curtos e bem articulados. A título

⁷⁶ “Egli continuò a usare il suo linguaggio medio, con mano però sempre più sicura.”

⁷⁷ “[...] Moravia usa un linguaggio quotidiano con molti dialoghi, dedica un’attenzione totale ad ambienti e oggetti [...]”.

⁷⁸ “Tutto è tremendamente naturale: anche la scrittura, che si articola in una estrema semplicità di strutture sintattiche. [...] È, ovviamente, una semplicità costruitissima. Si veda l’insistenza cantilenante delle ripetizioni e riprese [...] si vedano le continue simmetrie interne, per cui i verbi vanno sempre in coppia e generano continui parallelismi [...]”.



de exemplo, o início de dois contos de *Boh*, “*La cosa più terribile della vita*” e “*Temporale e fulmine*”, respectivamente: “Sou uma mulher que vive sozinha e é muito bonita.” (MORAVIA, 2008, p. 120, tradução nossa)⁷⁹, “De vez em quando me vêm aquilo que eu, no meu vocabulário privado, chamo de temporais.” (MORAVIA, 2008, p. 25, tradução nossa).⁸⁰

Além dos inícios e finais dos contos, escritos de maneira seca e privilegiando a frase paratática, tem-se, também, como reiterado por Cudini (2013, p. 13), a presença constante de repetições e retomadas, o que faz com que a narrativa crie um ritmo próprio, bastante acelerado e, muitas vezes, circular.

No entanto, declarar que a linguagem é simples seria, além de um lugar-comum da crítica, uma postura muito ingênua em se tratando de um autor cujas obras mostram os percalços do ser humano ao longo de sete décadas do século vinte italiano. Assim, cabe frisar que o italiano médio a que fazemos referência neste trabalho não descamba em “[...] direção aos romances de consumo”, mas caminha, em muitos momentos da narrativa, “em direção ao teatro” (TESI, 2007, p. 218).

Ademais, esse encaminhamento em direção ao teatro dar-se-á por meio de expressões do registro oral, dêiticos e, em grande parte, do discurso direto. Logo, podemos entender o italiano moraviano, de acordo com o pensamento de Riccardo Tesi (2007, p. 225), como “[...] a atualização contínua [...] da própria língua narrativa, missão iniciada logo após a publicação de *Gli indifferenti* e nunca interrompida.”⁸¹

REFERÊNCIAS

CUDINI, P. Introduzione. In: MORAVA, A. **Racconti romani**. Milano: Bompiani, 2013. p. 3-21.

MORAVIA, Alberto. **Boh**. Milano: Bompiani, 2008.

_____. **Opere complete 13: Il paradiso, Un'altra vita, Boh**. Milano: Bompiani, 1976. p. 498-503.

⁷⁹ “Sono una donna che vive sola ed è molto bella.”

⁸⁰ “Ogni tanto mi vengono quelli che io, nel mio gergo privato, chiamo temporali.”

⁸¹ “[...] l’aggiornamento continuo operato da Moravia della lingua narrativa, opera intrapresa subito a ridosso della pubblicazione degli *Indifferenti* e mai interrotta.”



SEGRE, Cesare. **La letteratura italiana del Novecento**. Roma-Bari: Economica Laterza, 2004.

TESI, R. La lingua invisibile. Appunti in margine a uno studio sugli aspetti linguistico-stilistici della narrativa di Alberto Moravia. **Studi e problemi di critica testuale**. Bologna, v. 74, 2007, p. 213-232.

Biografia do tradutor

Sérgio Gabriel Muknicka é graduado em Letras (português, italiano e francês) pela UNESP, campus de Araraquara. Realizou em 2013 um intercâmbio na *Université Lumière Lyon II* com uma bolsa de estudos por excelência acadêmica. Em 2017, obteve o título de mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Atualmente, além do doutoramento, é professor substituto do Departamento de Letras Modernas da UNESP/FCLAr, na área de língua e literatura francesas.